

Liberdade (re)construída. A literatura na Democracia

Margarida Mouta

O liberalismo conservador do Estado Novo, que tornou Portugal, detentor de colónias em África e na Ásia, um dos países mais atrasados da Europa, terminou com a «Revolução dos Cravos», em 25 de abril de 1974.

Os salazaristas, a um só tempo, deixaram de controlar o governo português e assistiram a uma onda de libertação nacional com a descolonização.

No que respeita à literatura, com o «25 de Abril» desencadeia-se uma enorme procura de livros que a censura tinha apreendido. Há uma crescente necessidade de aprender sobretudo temas políticos e ligados às ciências sociais. Mas o pós-1974 também trouxe o despertar do romance português.

Nos anos seguintes, vários escritores desenham um novo rosto da literatura portuguesa: José Saramago, que, em 1947, lançara o livro *Terra do Pecado*, reapparece em 1977 com *Manual de Pintura e Caligrafia*. De acordo com as palavras de Eduardo Lourenço, os acontecimentos, inerentes e consequentes ao «25 de Abril», convergiram para o desejo de «desenhar outro mapa» e, através das suas coordenadas, descobrir «em que País estávamos, em que País nos tínhamos tornado com a perda desse império» que nós pensávamos que fazia parte integrante da história portuguesa, desde há séculos, e qual a missão de Portugal.

Portugal seria grande e Pessoa já fora o seu arauto, o seu «profeta» ao escrever: «Quando virás, ó Encoberto,/Sonho das eras português,/Tornar-me mais que o sopro incerto/De um grande anseio que Deus fez?» (Fernando Pessoa, *Mensagem*).

Em 1976, surgem nomes como Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Maria Velho da Costa, José Gomes Ferreira, Ruy Belo, Manuel Alegre, Luís de Sttau Monteiro, Vasco Pulido Valente, Sophia de Mello Breyner, Miguel Torga, Vergílio Ferreira, David Mourão Ferreira que, entre outros, marcam presença no ensaio, na narrativa e na poesia. Novos nomes surgem na ficção.

Em 1984, Eduardo Lourenço, fazendo o balanço da literatura em *10 Anos de Democracia Literária*, refere que surgiram «novelas do mundo imperial, emigrante e de libertação» e outras, conduzidas por um novo psicologismo e existencialismo, na invenção ou (re) criação de «outra maneira de nós mesmos». Lídia Jorge, António Lobo Antunes, José Saramago, António Ramos Rosa, Sttau Monteiro, Dinis Machado e Nuno Júdice são alguns daqueles que, em poesia, em prosa ou em género dramático, nos possibilitam a fruição das palavras, do sentido das palavras e das suas multi-significâncias e significações, isto é, transportam-nos para a descodificação e fruição do levantar das

máscaras das narrativas e dos poemas, conduzindo-nos à experiência de sentir pulsar o viver e conviver com o tempo de ser portugueses.

É ao longo destes anos que se desenvolvem as obras de Saramago e Lobo Antunes.

Na década de 80, Saramago escreve *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *Jangada de Pedra* e *História do Cerco de Lisboa*. Lobo Antunes, em 1997, com *Esplendor de Portugal*, vai tratar a problemática da descolonização. Esta problemática, muito embora não em romance, já estava deveras documentada, entre outros, por António de Spínola, em *Portugal e o Futuro* e em *País sem Rumor*.

Lobo Antunes em *D'este viver aqui neste papel descrito – cartas de guerra*, relata, documenta os tempos difíceis que viveu, enquanto médico e militar, em Angola. Regressado a Portugal, mas intrinsecamente ligado à apoteose africana, mistura na sua escrita o quotidiano lisboeta com memórias e escreve *Memória de Elefante*, a sua primeira obra galardoada. *Os Cus de Judas*, 1979, retrata a sua experiência pessoal como médico de campanha enviado para Angola, na Guerra Colonial. É o seu segundo livro e valeu-lhe, em 1987, um prémio da Embaixada de França em Lisboa. Em *Fado Alexandrino*, Lobo Antunes relembra o que aconteceu em 1974.

Entre os múltiplos prémios recebidos, destacam-se: o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio Rosalía del Castro do PEN Club Galego, o Prémio de Literatura Europeia do Estado Austríaco, o Prémio União Latina de Escritores e o Prémio Jerusalém.

Os anos de 80 e 90 foram inauditos no que concerne à consagração de escritores portugueses. O maior galardão, o verdadeiro prémio pelo e do amor à palavra em língua portuguesa, foi atribuído a José Saramago, quando foi nomeado, pela Academia Sueca, Prémio Nobel da Literatura, a 8 de outubro de 1998. Foi a primeira vez que a literatura portuguesa viu consagrado o nome de um seu escritor. Saramago foi traduzido nas mais diversas línguas e consequentemente muitos mais escritores portugueses ou que escrevem em português passaram a «abstrata linha» do horizonte, «deram novos mundos ao mundo» e «receberam os beijos merecidos da verdade».

O Prémio Camões, instituído, em 1988, pelos governos de Portugal e do Brasil, considerado o mais importante prémio literário destinado a galardoar um autor de língua portuguesa, foi sobretudo atribuído a escritores portugueses: a Miguel Torga em 1989, a Vergílio Ferreira em 1992, a, como acima referido, José Saramago em 1995, a Eduardo Lourenço em 1996, a Sophia de Mello Breyner em 1999, a Eugénio de Andrade em 2001, a Agustina Bessa Luís em 2004 e a Lobo Antunes em 2007.

Apesar de algumas revistas e jornais desempenharem um importante papel na dinamização e desenvolvimento da vida literária portuguesa, só em 1980, nasceu a *Nova Renascença*, importante órgão no que respeita à reflexão sobre temas atuais e sobre o significado de Portugal no mundo, mas que, de algum modo, ainda alimentava a missão messiânica pessoal, preconizando uma missão de alta desenvoltura para o País. Nela colaboraram, entre outros, José Augusto Seabra e Agostinho da Silva.

A divulgação da revista *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, é, também, muito importante.

Também, alargando o imaginário português, urge salientar, entre outros, Miguel Sousa Tavares, que em *Equador*, num revivalismo de revisita e reescrita do e ao romance queirosiano, transporta-nos para as problemáticas subjacentes ao regicídio. Margarida Rebelo Pinto, que, numa escrita «fácil de ler»/light, como muitos dirão, sem artificialismos prosaicos, pinta de modo «suave» e com cores «suaves» uma aguarela da sociedade «elite» do Estado Novo/Democracia. Em *Português Suave*, mais um seu romance classificado por muitos de «banal», «fácil de ler» ou «assim até eu escrevia», regista e tipifica grupos da sociedade portuguesa do pós «25 de Abril».

Tal como profetizou Pessoa, Portugal será grande, será um império, ainda que mais não seja, o do modo de ser português e o da língua portuguesa. Se Saramago, Lobo Antunes, e Miguel Sousa Tavares, entre outros, criaram um novo imaginário português e alargaram o horizonte para as colónias, é da África portuguesa e pós-colonial que surgem nomes renovadores: Pepetela, José Eduardo Agualusa, Luandino Vieira, Ondjaki e Mia Couto. Em poesia ou em prosa, eles narram os traumas e as catástrofes oriundas do salazarismo. Em *Terra Sonâmbula*, que passou ao cinema:

«No Moçambique pós-independência, mergulhado em uma devastadora guerra civil, em meio a perigos e carências de toda ordem, o menino Muidinga e seu relutante protetor, o velho e alquebrado Tuahir, caminham a esmo, fugindo do morticínio insano causado pelas guerrilhas que lhes destruiu a base material da existência e sua teia de relações familiares e sociais.

Encontrar os verdadeiros pais de Muidinga, que foi recolhido por Tuahir num campo de refugiados, é a justificativa da viagem. Mas, na verdade, os dois apenas procuram se manter vivos, tarefa que nem sempre parece possível.» Narram-se as catástrofes herdadas pelo salazarismo e a tentativa de se criar uma cultura autónoma.

Os anos iniciais deste milénio trazem-nos histórias de vida, pequenas histórias de grandes histórias, biogra-

fias e romances históricos que dizem o que muitos portugueses sabiam e não sabiam como dizer. Reiteram que, se nos esquecermos de um ponto, alteramos o conto.

Nada é anónimo, e com tantos novos escritores o melhor é começar, já, a descobri-los nas e com as suas palavras. Nelas veremos as deslumbrantes areias, onde se enrolam e ou desmaiam a capacidade de comunicar em Portugal e em português e o modo de ser português e em português.

Nomes como José Brandão, Maria Alice Samara, Rui Tavares, Helena Matos, Vasco Pulido Valente, Manuel Teixeira Gomes, Vanda Gorjão, João Vasco Almeida, Fernando Rosa, Rui Batista, Marcelo Rebelo de Sousa, António Costa Pinto, entre outros, em romance, romance histórico, biografia, ensaio, etc., proporcionam-nos, a um só tempo, fazer turismo dentro de nós mesmos, dentro do nosso país, da nossa história, no tempo e espaço onde o ser se cumpre no dever de ser agente/ator construtor do dever e do devir.